

RUMOS E ESCRITA DA HISTÓRIA
Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida

Coordenação de
Maria de Fátima Reis



Edições Colibri

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Rumos e escrita da História: estudos em homenagem a A. A. Marques de Almeida / coord. Maria de Fátima Reis. – (Extra-colecção)

ISBN 972-772-690-9
978-972-772-690-5

I – Reis, Maria de Fátima, 1961-

CDU 96"../19"

Título: *Rumos e Escrita da História.
Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*

Coordenação: Maria de Fátima Reis

Edição: Edições Colibri

Capa: Ricardo Moita sobre pormenor de
Paisagem com a queda de Ícaro, de Pieter Brueghel, o Velho

Execução Gráfica: Colibri Artes Gráficas

Depósito legal n.º 251 701/06

Lisboa, 15 de Janeiro de 2007

DAMIÃO DE GÓIS LEITOR DOS CLÁSSICOS

Arnaldo do Espírito Santo
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Contexto e intenções

A investigação que tenho desenvolvido em torno da obra de Damião de Góis criou em mim a convicção de que ele foi, sem o ser oficialmente, um dos grandes embaixadores de Portugal na Europa do Renascimento e que desde muito cedo, como simples secretário da Feitoria de Antuérpia, se deu conta da necessidade de promover nos meios mercantis, financeiros, intelectuais e políticos do mundo do seu tempo, a imagem de Portugal como a de um país que pautava a sua estratégia de expansão comercial pelos mais altos valores da defesa da civilização europeia, da difusão da fé cristã, da abertura a todos os povos do mundo em espírito de paz e respeito pela sua soberania, e da fidelidade a uma missão histórica assumida como um património inalienável.

Nesta ordem de ideias tomo como tema e fundamento da minha reflexão, nesta homenagem ao Senhor Professor António Marques de Almeida, um passo transcrito de uma carta de Novembro de 1548, endereçada por Damião de Góis ao Infante D. Luís, sem dúvida o filho mais dotado de D. Manuel e pai de D. António Prior do Crato: «... Se acaso de novo algum Homero surgira, sem esforço alcançara nas gestas lusitanas encontrar argumento de não fabulosas, antes reais *Iliada* e *Odisseia*!.» Nesta citação temos a súplica do espírito de exaltação nacional, construído pelos intelectuais e homens de acção do séc. XVI, perdido com o desastre de Alcácer Quibir e jamais reencontrado.

A cada um de nós, ao ler ou ouvir tais palavras, ocorre de imediato a confirmação de tal hipótese: esse Homero surgiu e encontrou de facto nos descobrimentos portugueses argumento não fabuloso da epopeia lusíada. Joaquim de Vasconcelos atribuiu carácter profético a estas palavras de Damião de Góis,

¹ «Si denuo aliquis Homerus exurgeret, posset non incommode ex rebus Lusitanicis et *Iliados* et *Odisseae* argumentum non fabulose, sed ex uero componere.» (Amadeu Torres, *Noese e Crise...* p. 204 e 366).

Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida, Lisboa, Edições Colibri, 2006, pp. 85-106.

escritas vinte e três anos antes do aparecimento d' *Os Lusíadas*.² Não é, contudo, forçoso que se trate de profecia. Outras explicações mais positivistas são possíveis, como por exemplo ter Camões lido esta carta de Damião de Góis, ou tê-lo conhecido e falado com ele sobre como dar forma à perpetuação da memória dos feitos portugueses. Teve de facto possibilidade de ler a carta de Góis entre 1548 e 1553, data do embarque de Camões para a Índia. Mas teria sido necessário que fosse íntimo do Infante D. Luís, o que não consta. Também podia ter privado com Góis entre a data do regresso deste ao Reino e a já referida data do embarque para a Índia. Tudo hipóteses plausíveis, desde a profecia à leitura da carta e à notícia pessoal do seu conteúdo. Na realidade, porém, o único elemento seguro é que Damião de Góis escreveu vinte e três anos antes do aparecimento d' *Os Lusíadas* aquilo que Camões de forma livre glosa nos conhecidos versos:

«... Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram
.....
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas fabulosas».³

Mas é precisamente nesta semelhança de ideias e motivos que poderemos encontrar a chave do enigma que não passa nem pela profecia nem por nenhuma das outras duas hipóteses formuladas. De facto, trata-se de um *topos* construído sobre vários motivos, cujo substrato mais recuado remonta à antiguidade clássica, e sobre o qual se foram depositando várias camadas sedimentares.

O primeiro motivo subjacente, e muito caro aos humanistas, é que se as façanhas dos heróis não tivessem poetas ou historiadores que as imortalizassem teriam caído no esquecimento. Encontramos essa ideia em Catão, Salústio e Aulo Gélio, como foi observado pelo escritor da *História Augusta*. Mas o seu ponto de irradiação mais fulgurante encontra-se nas palavras que Alexandre da Macedónia pronunciou junto do túmulo de Aquiles que visitara na Tróade, indo de passagem para as conquistas orientais.

Esse episódio é assim narrado por Cícero no *Pro Archia*:

«Quantos cronistas dos seus feitos se diz ter tido o famoso Alexandre Magno! No entanto, ao parar no Sigeu, junto do túmulo de Aquiles, ele clamou: "Ó afortunado jovem, que encontraste um Homero, pregoeiro do teu valor!" E justamente! Se não tivesse existido essa magnífica *Ilíada*, o mesmo túmulo que cobria o seu corpo lhe teria também encoberto o nome!»⁴

² Cf. Amadeu Torres I, 368 (Joaquim de Vasconcelos, *O Instituto*, Coimbra, XLVII, 1901, p. 60, n. 2).

³ I, 3, 1-2 e 11, 5-6.

⁴ Cícero, *Em Defesa do Poeta Arquias* (Introdução, tradução e notas de Maria Isabel Rebelo Gonçalves), Lisboa, Editorial Inquérito, 1986, p. 43-45.

Neste episódio o que mais impressionou as mentes de poetas e escritores vindouros foram as palavras que Cícero pôs na boca de Alexandre Magno: «Ó afortunado jovem que encontraste um Homero, pregoeiro do teu valor!». Com efeito, a posteridade entendeu que nesta associação do guerreiro e do poeta, das armas e das letras, estava definido sob forma tópica um verdadeiro ideal de cidadania e de cultura. Assim o viu e analisou com toda a nitidez o Professor Luís de Sousa Rebelo, no seu clássico livro *Influências Clássicas na Literatura Portuguesa*.⁵ E ao falar de posteridade começo pela *História Augusta*, na biografia do imperador Probo, cujo autor, antes de retomar as palavras de Alexandre, introduz a seguinte observação: «Todas as virtudes de cada um são tão grandes quanto as quiser fazer parecer o engenho daqueles que põem por escrito os seus feitos».⁶ E logo a seguir o mesmo autor repete o episódio do Macedónio narrado por Cícero, com pequenas variantes sem significado para o que nos interessa. O que nos importa verificar é que este substrato de um *topos* que se vai ampliando tem a sua origem identificada e a sua divulgação futura assegurada.

S. Jerónimo, tomando a sugestão de Cícero, mas servindo-se quase à letra das palavras usadas pelo autor da vida de Probo, um texto editado no seu tempo, acrescenta-lhe um outro *topos* que é o da matéria superior às forças do próprio Homero: «se Homero estivesse entre nós, ou invejaria ou sucumbiria à matéria», isto é, à matéria que se propunha tratar, que era escrever a biografia de Santo Hilarião.⁷ Deste modo passam a andar associados vários temas: o da fama perpetuada pela escrita; o da evocação de Homero como hipótese irreal: «se Homero estivesse presente»; e o da superioridade da matéria actual relativamente à *Ilíada* e à *Odisseia*. Falta-nos apenas um quarto motivo, o da ficção *versus* verdade histórica, para termos completos os elementos que integram tanto a frase citada de Damião de Góis como os versos correspondentes de Luís de Camões.

Esse novo motivo vamos encontrá-lo em João Escoto Erígena (séc. IX) nuns versos em que diz:

«Homero cantou os Gregos e os Troianos,
Vergílio inventou a prole de Rómulo
[.....]
Eles falsamente sob a imagem de verdade
Aprenderam a enganar com seus versos;

⁵ Lisboa, Livros Horizonte, 1982.

⁶ SHA, *Probus* 1,1: «Omnes omnium uirtutes tantas esse quantas uideri eas uoluerint eorum ingenia, qui unius cuiusque facta descriperint.»

⁷ Hieronimus Stridonensis: *Vita S. Hilarionis PL 23:29*: «Alexander Magnus Macedo, quem vel arietem, vel pardum, vel hircum caprarum Daniel vocat, cum ad Achillis tumulum pervenisset: Felicem te, ait, juvenis, qui magno frueris praecone meritorum! Homerum videlicet significans. Porro mihi tanti ac talis viri conversatio, Vitaque dicenda est, ut Homerus quoque si adesset, vel invideret materiae, vel succumberet».

A nós é-nos permitido em louvores sublimes
Entoar hinos ao Poder e verdadeira Sabedoria do Pai».⁸

Aqui à evocação de Homero associa-se a de Vergílio, tal como sucederá n' *Os Lusíadas*. Adso Dervense (séc. X) preferiu associar Homero e Cícero, e o resultado é igual: «Ainda que Homero ou Túlio Cícero, como narram as ficções dos gentios, voltassem dos infernos, não poderiam encerrar em versos, tal como foi idealizada, toda aquela obra do divino poder».⁹ Evocação de Homero e Cícero que, se voltassem dos infernos (um pormenor novo), não seriam capazes de levar a bom termo esta grande empresa que é a de narrar factos verdadeiros, eles que viveram no ambiente dos *gentilium figmenta*.

Observe-se, como dado significativo, que estes *topoi* aparecem quase exclusivamente em textos narrativos. O modelo encontrado em Cícero no *Pro Archia Poeta* e na *Vida do Imperador Probo* é reformulado por Jerónimo e por Sulpício Severo que o adaptou às narrativas hagiográficas. Com efeito, cerca do ano 400 Sulpício Severo declarava hiperbolicamente na sua *Vida de S. Martinho*: «Em verdade proclamei que se o próprio Homero emergisse dos infernos, como se costuma dizer, não seria capaz de levar a bom termo a sua narração».¹⁰ É também num texto hagiográfico do séc. X que vamos encontrar a oposição entre *fabulose* e *vere*.¹¹

De resto, ou Jerónimo ou Sulpício fornecem a frase tópica: «Se Homero emergisse nem ele conseguiria narrar tal proeza», diz Odilo de Suession a propósito de uma trasladação das relíquias de S. Sebastião.¹² As palavras com que o faz são praticamente as de Sulpício Severo. Mas as variantes sucedem-se: o «se Homero emergisse» não existe na matriz clássica, nem em Cícero, nem na *História Augusta*. Em S. Jerónimo aparece um tímido «si adesset»: «se estivesse aqui entre nós». Foi Sulpício Severo que deu um passo em frente introduzindo o

⁸ Joannes Scotus Erigena: *Versus crucifixo*, PL 122:1221: «Hellenas Troasque suos cantarat Homerus, // Romuleam prolem finxerat ipse Maro. // Illi composito falso sub imagine veri // Fallere conducti versibus Arcadias. // Nobis virtutem Patris veramque sophiam // Hymnizare licet laudibus eximiis.»

⁹ Adso Dervensis, *Vita S. Basoli*, PL 137:643: «Cui etiamsi, ut gentilium figmenta referunt, Homerus aut Tullius Cicero rediret ab inferis, non posset verbis includere omne, ut gestum est, opus divinae virtutis.»

¹⁰ PL 20:175: «Vere fatebor, non si ipse, ut aiunt, ab inferis Homerus emergeret, posset exponere.»

¹¹ Auctor incertus, *Antiquior vita Mathildis*, PL 151:1313: «Dum plerique [...] ad aures philosophatico fabulose illustrarent stilo virorum, nos autem, gloriosissimi Ottonis inperatoris jussu, non philosophando sed vera dicendo laudabilem dignissimorum sui vitam parentum, sibi exemplo aliisque posteris mox futuram, licet rustice, perscripsimus.»

¹² PL 132:579: «Quod quidem nec ipse, si vulgo, ut aiunt, Homerus emergeret, explere posset.»

«si emergeret» (se emergisse) que se propagou a Aldelmo, bispo de Sherborne (séc. VII) e a Odilo de Suession (séc. X), produzindo a seguinte fórmula, mais explícita em Adso de Mortier-en-Der: «Si rediret ab inferis» (Se voltasse dos infernos).

Assim vemos que o mesmo *topos* vai recebendo formulações diferentes conforme a época e o género literário em que se integra. Os textos hagiográficos tendem a assinalar um indefinido «emergir do outro mundo» ou a explicitar claramente um «voltar dos infernos». É numa epopeia sobre a primeira cruzada da primeira metade do séc. XII que vamos encontrar um anódino «si modo vixisset» (se agora vivesse) que vem substituir o tradicional «se emergisse» da linha de Sulpício Severo. O que é mais importante neste texto é que se coloca em alternativa Homero ou algum erudito («clerus sapiens aliquis vel Homerus»).¹³

Peço desculpa por todo este aparato de erudição, mas este era um passo necessário para dar às palavras de Damião de Góis o enquadramento e a amplidão que elas merecem. A fórmula usada por Damião de Góis representa uma nova reformulação do mesmo *topos*. Não se trata de «se Homero emergisse», mas de «se algum Homero surgisse»; também não se trata de, hiperbolicamente, enunciar que nem Homero seria capaz de descrever, narrar, expor tal ou tal virtude, façanha ou maravilha; trata-se pelo contrário de reafirmar que, nos feitos dos Portugueses, Homero encontraria matéria superior à da *Ilíada* e da *Odisseia*. Embora a superioridade da matéria estivesse explícita na hagiografia, a conotação com que Damião de Góis a reafirma retira-lhe o carácter hiperbólico patente na gestação medieval deste *topos* e confere-lhe a marca de uma verdade convincente, porque nada de conhecido se equipara à gesta que os Portugueses estão a levar a efeito, em verdade e não em ficção poética. E com isto, voltamos a Cícero e a Alexandre da Macedónia, a Aquiles e a Homero: por outras palavras, voltamos ao motivo clássico das armas e das letras. Em última análise, o desabafo de Damião de Góis é o mesmo de Alexandre: há matéria épica abundante; não há é poetas à altura. Há armas e não há letras.

Commentarii aos cercos de Diu

Os *Comentários* ao segundo cerco de Diu abrem com uma sentença de sabor nitidamente senecano: «Collatorum beneficiorum pluma levior est gratia: contra offensarum memoria tenax, et diuturna» – «Mais leve que uma pena é a gratidão pelos benefícios recebidos, ao passo que a lembrança das ofensas é persistente e duradoura».¹⁴ A ideia é de Séneca, mas as palavras não, pois que *collata beneficia*

¹³ PL 155: 949: Nam quis speraret quod gens una exsuperaret // Militibus plenam tam multis Antiochenam // Urbem, quam clerus sapiens aliquis, vel Homerus // Si modo vixisset, describere non potuisset?

¹⁴ *De Bello Cambaico ultimo commentarii tres*. Lovanii apud Servatium Sassenium Diesten-

denuncia a matriz linguística cristã de que Góis revestiu o pensamento de Séneca. De facto, «collata beneficia in memoria non habere» e «Collata beneficia non potest obliuisci» encontra-se em Cassiodoro.¹⁵ E poderíamos citar umas dezenas de passos em que ocorre a junção *collata beneficia*. O que dificulta por vezes a identificação das referências de Damião de Góis é que ele é parco em indicações, ainda que apenas residuais, sobre a fonte das suas reminiscências. Além disso, a imagem «Mais leve que uma pena» essa é sem dúvida de Prudêncio:

«Nunc tenera pluma levior, blandosque sussurros
In morem recinens suave immorientis oloris».¹⁶

Esta simples abertura de poucas linhas dá-nos uma ideia da forma de composição seguida pelo nosso Autor e da variedade de leituras que se escondem por detrás desta sentença tão simples: «Mais leve que uma pena é a gratidão pelos benefícios recebidos»; um centão de reminiscências onde convergem Séneca, Cícero, Prudêncio e um número indefinido de autores patrísticos entre Jerónimo, Cassiodoro, Rabano Mauro, etc. Contudo, o fundo geral dos *Commentarii* é sem dúvida o do ambiente que perpassa por César, algum Tácito, umas expressões residuais da *História Augusta* e de Suetónio; mas o grande modelo, no tom épico da narrativa e no desenho das cenas, é, sem dúvida alguma, Tito Lívio.

Logo no primeiro período, uma sequência de orações infinitivas narrativas («belli consilia... tegere, arma opesque ad id clam comparare») apontam para o estilo da prosa historiográfica. Esta sequência continua no período seguinte: «Sed Ioannes Mascaregnas... omnia olfacere, ac procul sentire, eorum consilia conatusque explorare, omnia pro temporis angustia comportare ac praeparare.»¹⁷

Marcas de leitura estruturais:

Tito Lívio

Um dos aspectos que mais liga Damião de Góis a Tito Lívio, no caso dos dois cercos de Diu, é que eles aparecem relacionados entre si como a primeira e a segunda guerra púnica. O espaço de tempo que separa estes dois grupos de acontecimentos, 1.º e 2.º cerco de Diu, por um lado, 1.ª e 2.ª guerra púnica, por

sem, 1549. Edição utilizada: *De Bello Cambaico secundo commentarii tres* (in *Opuscula quae in Hispania illustrata continentur*, Coimbra, tp. Academia Regia, 1791, pp. 297-376) p. 302. Sigla utilizada: 2CD.

¹⁵ In *Psalterium*, PL 70: 719 e 816.

¹⁶ *Contra Symmachum*, PL 60:123.

¹⁷ 2CD, p. 303.

outro, era motivo suficiente para não deixar escapar a evidência do paralelismo de situações. Entre o fim da primeira guerra púnica e o início da segunda medeiam duas dezenas de anos; entre os dois cercos de Diu, um pouco menos que uma dezena. Num e noutro caso, porém, está viva a memória dos acontecimentos anteriores com a acumulação de ódios e frustrações. É isso que une duas situações apreendidas e transmitidas como um grande drama da história em duas partes, cujas personagens, em parte as mesmas, representam a mesma cena, no mesmo palco, em actos diferentes: a primeira e a segunda guerra púnica, o primeiro e o segundo cerco de Diu.

A força deste argumento deixou marcas linguísticas no texto goisiano na expressão «Nihil laxamenti datum obsessis»,¹⁸ que remete para uma outra quase igual do capítulo XXXV de *Ab Vrbe condita*: «Nihil laxamenti hostibus dedit».¹⁹ Esta ocorre no contexto em que Aníbal, perdida a guerra que desencadeara contra os Romanos, vai pôr-se às ordens do Rei Antíoco da Macedónia a quem, segundo Tito Lívio, dirige as célebres palavras de ódio de morte aos Romanos: «Odeio e sou odiado pelos Romanos; Amílcar, meu pai, e os deuses são testemunhas de que eu digo a verdade. Por isso, quando pensares fazer guerra aos Romanos, considera Aníbal entre os teus primeiros amigos».²⁰ Dos dados recolhidos penso poder deduzir com alguma segurança, para não dizer com toda a segurança, que Damião de Góis toma como modelo o ódio pessoal de Aníbal aos Romanos, e sobre esse modelo constrói o ódio, também pessoal, de Coge Sofar aos Portugueses. É também neste tipo de enquadramento literário e ideológico que a influência de Tito Lívio mais se faz sentir. Nele, como nas narrativas dos cercos de Diu, o ódio é o actante de maior peso. O retrato de Coge Sofar é revelador: tinha combatido no primeiro cerco como aliado de Solimão Bassa, comandante de uma grande expedição enviada pelo Sultão da Babilónia; é agora o generalíssimo comandante das tropas do segundo cerco e, como tal, o símbolo de todos os ódios acumulados. Damião de Góis diz que ele «era prudente, sagaz, cauteloso, astuto, comandante experiente, mais que ninguém instruído na estratégia militar». Mas acima de tudo, que «a estas qualidades naturais aliava um ódio de morte contra os Portugueses e todos os dias aumentava as suas forças, dando a entender que convictamente abandonara a religião cristã e se passara para a Maometana. Não resta dúvida de que se a sorte lhe tivesse dado uma vida mais prolongada, nos teria tornado a vitória difícil e complicada.»²¹

¹⁸ *Diensis Nobilissimae Carmaniae seu Cambaiae urbis oppugnatio*, in Damiani a Goes Equitis Lusitani *Aliquot Opuscula*, Lovanii, Ex officina Rutgeri Rescii, Anno 1554 (sigla utilizada: 1CD), pp. [14-15].

¹⁹ XXXV, 21, 10.

²⁰ *Ab V.C.*, XXXV, 19, 6: «odi odioque sum romanis. Id me uerum dicere pater Hamilcar et di testes sunt. Proinde cum de bello Romano cogitabis, inter primos amicos Hanibalem habeto».

²¹ 2CD, p. 330: «Erat enim Sopharus, ut siquis alius, prudens, sagax, cautus, vafer, rerum

Estas semelhanças de fundo são como que o motor de toda a estrutura narrativa, tanto em Tito Lívio como, por sua influência, em Damião de Góis. A grande diferença, diga-se desde já, reside no distanciamento de Lívio e no empenhamento de Góis, pelo menos pelo lado do credo religioso que professava, da cruzada antitúrca que se vivia no seu tempo sob a ameaça da invasão turca da Europa, e que norteia e motiva em grande parte a política comercial do império português na Índia e no Norte de África.

É claro que o maior empenhamento de Góis, como historiador de acontecimentos ocorridos no seu tempo, tem as suas vantagens, mas também os seus inconvenientes. Por mais que afirme: «Nos contenti erimus, ut summa fide rem tradamus», Damião de Góis não deixa de proclamar: «Ea enim sunt facta praeclara nostrae gentis, ea magnitudo, varietasque rerum, ea novitas insularum climatorumque, ut si denuo aliquis Homerus exurgeret, posset non incommode ex rebus Lusitanicis et Iliados et Odisseae argumentum non fabulose, sed ex vero, componere».²²

Ao aproximar entre si dois propósitos tão diversos, não necessariamente opostos, Damião de Góis pretende avisar o leitor de que a objectividade dos factos não poderá deixar de se associar ao espírito heróico que os informou da parte dos Portugueses. Não se trata de uma guerra travada pelo puro domínio de interesses comerciais ou territoriais, mas antes de uma epopeia de cunho civilizacional e religioso. E isso não encontramos em Tito Lívio. Damião de Góis, leitor dos clássicos, procura neles forma de dar esta volta essencial aos autores que segue como modelo e aos textos que imita. Na verdade, se em Tito Lívio é possível desvendar um certo confronto de dois sistemas políticos e civilizacionais em presença, na luta pelo domínio do Mediterrâneo ocidental, de modo algum é este o aspecto posto em evidência e muito menos qualquer outro em que de longe ou de perto se vislumbre um conflito de dimensões religiosas. Em Damião de Góis, porém, somam-se a estes valores um lusitanismo ferrenho, capaz de inflamar com novo estro quem já suspirava pelo merecido descanso: «tamen ubi nova gloria nostrae gentis de Turcis parta meum animum denuo accendisset, in re nova novum vegetumque animum ad scribendum indui.»²³

Parece-me oportuno relacionar estas palavras sobre esta «nova gloria nostrae gentis» com outras escritas em português a D. João III, na carta que acompanhou a oferta de um exemplar da edição da *Vrbis Louaniensis Obsidio*:

gerendarum peritissimus, militaribus vero strategematis nemini suo tempore cedens. His naturae dotibus, infestissimum in nos odium coniunxerat, viresque suas quotidie augebat, quum eum intelligerent vero animo, deserta religione Christiana, ad Mahumetum defecisse. Nec dubium, quin si, diuturnior ei vita contigisset, nobis victoriam difficiliorem impeditioremque fecisse.»

²² 2CD, p. 298.

²³ 2CD, pp. 299-300.

«a qual oração mandey imprimir aguora nouamente em lixboa, e a mando a vossa alteza como primeiro fructo do trabalho que de meus estudos nesses reinos nação, esperando em deos naçerem daqui ao diante outros de que os mesmos reinos e terra não tam somentes se não descontentem, mas ajnda alcancem de meus estudos gloria.»²⁴

Esta carta será de 1546/7, época em que Coge Sofar deu início aos primeiros preparativos para pôr cerco à fortaleza de Diu. Damião de Góis fará questão de acentuar esta data, algum tempo depois, ao redigir os *Commentarii* ao segundo cerco: «E para que conste a data, estes factos sucederam pelo fim de Março do ano de 1546.»²⁵ A carta a D. João III foi, pois, escrita em pleno desencadear das hostilidades. Como humanista que era, Góis pretende associar de novo a sua pena à glória obtida pela espada. É para isso que servem os estudos que fez nesses reinos (Lovaina e outras cidades) e que agora hão-de resultar em glória do reino de Portugal. Porque, como diz Tito Lívio, «É importante contribuir individualmente para conservar a memória dos feitos» («iuuabit tamen rerum gestarum memoriae principis terrarum populi pro uirili parte et ipsam consuluisse».)²⁶

Damião de Góis enquadra-se neste espírito ao afirmar a sua disponibilidade para confiar à eternidade a gesta dos Portugueses. À expressão liviana solene e concisa, «rerum gestarum memoriae principis terrarum populi», Damião de Góis contrapõe outra com menos solenidade: «Ea enim sunt facta praeclara nostrae gentis», que logo reforça com a ampliação retórica: «ea magnitudo uarietasque rerum, ea nouitas insularum climatumque».

Valério Máximo

Mas deixemos por enquanto Tito Lívio e passemos a autores chamados menores, começando por Valério Máximo.

Os *Facta et dicta memorabilia* deste autor, escritos em prosa acessível e estilo agradável, fluente, ainda que às vezes rebuscado, estão sem dúvida entre as obras que Damião de Góis compulsou dia e noite. Não é de estranhar que assim seja, pois que durante toda a Idade Média e o Renascimento não houve escolar ou erudito que não procurasse na obra de Valério Máximo exemplos de vida e ensinamentos, considerando-a como uma espécie de manual prático da arte do dizer e do agir das grandes personalidades do mundo antigo.

²⁴ in Aubrey F. G. Bell, *Um Humanista Português, Damião de Góis*, Lisboa, Editorial Império, 1942.

²⁵ 2CD, p. 307: «Ceterum ut de tempore constet, acta sunt ista sub finem Martii, Anno MDXXXVI.»

²⁶ *Ab V.C.*, I, 3.

Estas considerações vêm a propósito da caracterização de duas personagens, ou melhor, de dois protagonistas de relevo na defesa da fortaleza de Diu, António da Silveira, durante o primeiro cerco, D. João de Mascarenhas, durante o segundo. Com efeito, ambos os heróis são caracterizados sumariamente em palavras e repetidamente em feitos, segundo dois critérios que são explicados com vários exemplos tomados de Valério Máximo.

Começemos pelo herói do primeiro cerco de Diu. António da Silveira, «uir summo loco natus»²⁷ – expressão que ocorre em César²⁸ e em Tito Lívio²⁹ – é, além disso, «uir magni animi ingenique», não inferior em «uirtute et prudentia» a seu irmão Luiz da Silveira, Conde de Sortelha. A junção «uirtute et prudentia» aparece transmutada na caracterização de D. João de Mascarenhas em «vir non minus sagaci quam forti pectore».³⁰ Mas a diferença das palavras não consegue ocultar a mesmíssima conotação de sentidos. António da Silveira, «uir prudens», é também, em expressão sinónima, chamado «hostibus sagacior»³¹ e toda a sua atitude é a de um «belli peritus»³² que permanentemente está atento, observa os movimentos e as intenções do inimigo, e antecipa, *com mais prudência e sagacidade*, as decisões estratégicas adequadas à situação. É esta a caracterização mais constante de António da Silveira, marcada de forma recorrente por expressões como: «Dux Antonius a Sylueira omnia ad defensionem obsidionis necessaria disponit»;³³ «Dux noster Antonius a Sylueira cum eos perspexisset...»;³⁴ «Dux Antonius a Sylueira assiduam pertinaciam hostium considerans»;³⁵ «dux Antonius a Sylueira, nonnulla hostium secreta percepit.»;³⁶ «Antonius a Sylueira uidens tempore pomeridiano...hostes...remissores»;³⁷ «Qua re suspecta, subito Antonius a Sylueira»;³⁸ «dux Antonius a Sylueira uidens discrimen in quo uersabatur»;³⁹ «Antonius a Sylueira uidens hostium uirtutem».⁴⁰ Este é o António

²⁷ ICD, p. [9].

²⁸ *De B.G.*, V, 25,1; VII, 39,1.

²⁹ *Ab V.C.*, VII, 4,5.

³⁰ 2CD, p. 303.

³¹ ICD, p. 65.

³² Cf. a expressão «homo rei militaris peritus», aplicada a D. João de Mascarenhas (2CD, p.306), que remete para Lívio XLIV,22,12: «rei militaris peritis».

³³ ICD, p. [9].

³⁴ ICD, p. [11].

³⁵ ICD, p. [16].

³⁶ ICD, p. [18].

³⁷ ICD, p. [18-19].

³⁸ ICD, p. [19].

³⁹ ICD, p. [19].

da Silveira «prudens», «sagax», se não tirado a papel químico, pelo menos com muitos contornos da actuação de um estratega formado na leitura dos exemplos dos *Facta et dicta memorabilia* de Valério Máximo, quanto à sua «sagacidade».

Mas o capitão-mor de Diu, além de «prudens» e «hostibus sagacior», é também um herói de grande coragem, «magni animi», «uirtute non inferior», ou, como se diz de D. João de Mascarenhas, «vir non minus sagaci quam forti pectore».⁴¹ E aqui entra a caracterização pelos ditos e pelos feitos dos heróis do primeiro e do segundo cerco de Diu, o que nos remete novamente para Valério Máximo: matéria digna de toda a consideração e análise, já que, como atrás ficou insinuado, ficamos na dúvida se os heróis retratados por Damião de Góis eram formados na leitura dos autores clássicos, cujas lições de carácter austero e viril assimilavam e reproduziam nas suas actuações, ou se, literariamente, foram desenhados à imagem e semelhança dos heróis da antiguidade. Talvez um pouco das duas coisas.

Há um indício muito significativo de que Damião de Góis escreve os feitos dos Portugueses no Oriente sob a influência do paradigma clássico. Refiro-me à seguinte observação feita a propósito da disciplina militar e da competência estratégica dos próprios Turcos: «E assim, com tanta ordem e prudência dispuseram tudo aquilo que parecia relacionar-se com a defesa, que mais se diria tomar por modelo a experiência dos antigos Romanos, do que os planos temerários dos bárbaros».⁴²

O que esta citação documenta é a grande admiração de Damião de Góis pela ordem, prudência e experiência militar dos *ueteranorum Romanorum*. Não é impossível que os generais turcos tivessem na mesa de cabeceira obras de Frontino, Floro, Valério Máximo, César ou Tito Lívio. Mais plausível, porém, é presumir que Damião de Góis é que conhecia bem estes autores e os lera atentamente a ponto de lhes assimilar o vocabulário, os motivos literários, e as poses convencionais da historiografia e da épica. As suas extensas leituras fornecem os contornos para a moldura e o enquadramento em que se desenrolam os acontecimentos, e agem, sentem e vivem as personagens. E nisso Damião de Góis aplica um princípio formulado por Cícero que ele dá mostras de conhecer perfeitamente no prólogo da *Crónica do Príncipe D. João*, de que não vou tratar aqui. O texto de Cícero diz o seguinte: «Huic generi historia finitima est, in qua et narratur ornate et regio saepe aut pugna describitur; interponuntur etiam contiones et hortationes.»⁴³ Quer dizer, a História tem uns lugares-comuns obrigatórios que a tornam vizinha do género oratório. Faz-se sempre a descrição da região, das batalhas, das arengas dos generais e das exortações aos soldados. E, como

⁴⁰ ICD, p. [27].

⁴¹ 2CD, p. 303.

⁴² 2CD, p. 370: «Atque ita reliqua, quae ad defensionem pertinere uidebantur, suo ordine et serie, tanta prudentia disponunt, ut ea in re magis ueteranorum Romanorum experientiam imitari eos diceret, quam temeraria barbarorum consilia.»

⁴³ *Orator*, 66.

sabemos, quando não havia documentos sobre as arengas, inventavam-se segundo aquilo que era razoável.

Não seria honesto deduzir daqui que os factos narrados nesta perspectiva estão necessariamente escamoteados por idealizações que representam o ponto de vista do narrador. Explico-me. Não se pode negar que o vice-rei da Índia, D. João de Castro, perdeu dois filhos no segundo cerco de Diu: D. Fernando de Castro e D. Álvaro de Castro. Também não se pode pôr em causa que, ao receber a notícia da morte do primeiro, o vice-rei foi atingido por uma dor profunda, nem que «fingindo alegria, envergando vestes festivas de púrpura», percorreu a cidade para «com o seu luto não desencorajar os soldados», em vésperas de partirem para Diu em missão de socorro. Também não se pode pôr em causa que D. João de Castro, com essa atitude, deu testemunho de que a dor causada pela morte do filho não era tão grande como a satisfação de saber que ele tinha caído «honesta morte dignaque suis natalibus» («de morte gloriosa e digna do seu nascimento»)⁴⁴ Mas Góis tem o cuidado de não escrever que o vice-rei pronunciou tais palavras, mas apenas que deu testemunho delas com a sua atitude, remetendo tal testemunho para o ponto de vista do narrador. O que, literariamente, aqui importa é que Damião de Góis desencadeia toda uma série de sentidos conotativos, um dos quais, e não o menor, é deixar entender que a fibra moral dos Portugueses que combatiam na Índia não era inferior à dos heróis celebrizados pelos historiadores e poetas da antiga Roma.

Neste caso concreto, o modelo de tais atitudes está explícito ponto por ponto em Valério Máximo, num capítulo que trata «De Parentibus qui obitum liberorum forti animo tulerunt»⁴⁵ («Acerca dos Pais que corajosamente suportaram a morte dos filhos»). Um dos exemplos registados por Valério Máximo é o do «Princeps Atheniensium Pericles», que em quatro dias perdeu dois filhos.⁴⁶ Este pai, um pouco como fará D. João de Castro, nem no seu rosto nem nas suas palavras deixou transparecer sinais de emoção. Pelo contrário, como de costume, trazia na cabeça uma coroa, de maneira que o luto de sua casa em nada interferiu nas suas atitudes em público.⁴⁷ Dois filhos perdeu Péricles; dois, D. João de Castro; ambos, por motivos de estado, não manifestam o mínimo de tristeza e vestem-se festivamente. A Damião de Góis só faltou acrescentar a frase com que Valério Máximo conclui este *exemplum*: «Non sine causa igitur tanti roboris animus ad Olympii Iouis cognomen ascendit» («Por isso, não foi sem motivo que um espírito de tal fortaleza ascendeu ao sobrenome de Olímpico, próprio de Zeus.»)⁴⁸

⁴⁴ 2CD, p. 365.

⁴⁵ Val. Max. V,10.

⁴⁶ Val. Max. V, 10,1: «duobus mirificis adolescentibus filiis».

⁴⁷ Val. Max. V, 10, 1: «ille uero caput quoque solito more coronatum gerere sustinuit, ut nihil ex uetere ritu propter domesticum uulnus detraheret.»

⁴⁸ Val. Max. V, 10, 1.

Nestas palavras que Góis não evoca, está no entanto a sua intenção ao estabelecer tais associações implícitas entre as grandes figuras da historiografia clássica e as que ele próprio caracteriza *non fabulose, sed ex vero*, como escreve na carta dedicatória dirigida ao Príncipe D. Luís.⁴⁹

Com este paralelismo, a grandeza de D. João de Castro é realçada pela semelhança entre a situação e atitude dele e a de Péricles. Mas a relação de intertextualidade não é unívoca em todos os pormenores, porque Damião de Góis não imita de livro aberto, antes, uma vez imbuído de textos que provavelmente lhe serviram para dar os primeiros passos na aprendizagem do latim, se serve deles automaticamente por reminiscência. E por isso é possível que numa só frase ou caracterização se encadeiem vários segmentos do mesmo autor ou de autores diversos.

Sem sairmos de Valério Máximo, depara-se-nos outro caso de um pai que suportou corajosamente a morte do filho. Trata-se de Xenofonte, que estando a oferecer um sacrifício recebeu a notícia da morte de um dos seus filhos. Sem interromper a cerimónia, apenas depôs a coroa sacrificial para perguntar de que modo morrera. Ao ouvir que morrera em combate, voltou a pôr a coroa na cabeça e continuou, «testemunhando aos deuses a quem sacrificava que era maior a alegria que sentia pela coragem do filho, do que a dor pela sua morte.»⁵⁰ Alguma do vocabulário desta expressão, também ela um comentário do autor, não uma declaração proferida pela personagem, se encontra em Damião de Góis: «testatus est, se non tam graviter ferre interitum filii quam magni facere quod honesta morte... occubisset.»⁵¹ A equação mantém-se. Em ambos é maior a satisfação pela coragem dos filhos, do que a dor pela sua morte.

São muitos os aspectos que confirmam este tipo de leitura ou influência dos autores clássicos em Damião de Góis, sobretudo pelo lado da ideologia e dos valores que perpassam na sua obra. No primeiro cerco de Diu, durante um renhido combate, enquanto os Portugueses, sitiados, repeliam para fora da fortaleza a avalanche do inimigo, dois capitães turcos, armados dos pés à cabeça, colocados um de cada lado da saída, matavam os seus próprios soldados que procuravam a fuga ou se recusavam a combater. É uma cena que vale a pena citar: «Este combate prolongou-se pelo espaço de cinco horas, de tal modo que ora os nossos eram às vezes empurrados pelo inimigo até ao extremo do terreiro da fortaleza, ora estes eram repelidos pelos nossos até ao baluarte por onde haviam entrado. Dois capitães turcos, armados dos pés à cabeça, estavam postados junto do baluarte e, com as adagas que tinham, uma em cada mão, trucidavam os seus próprios soldados, aqueles que saltavam do baluarte ou se recusavam a atacá-lo.»⁵²

⁴⁹ 2CD, p. 298.

⁵⁰ Val. Max. V,10,2: «...numina, quibus sacrificabat, testatus maiorem se ex uirtute filii uoluptatem quam ex morte amaritudinem sentire.»

⁵¹ 2CD, p. 365.

⁵² 1CD, p. [29]: «Denique extitit atque perseueravit dimicatio haec ad spacium quinque hora-

Uma situação semelhante encontra-se no II Cerco de Diu. Neste é o Vice-Rei que, assumindo o comando, manda arrancar as portas da fortaleza para que, avançando em campo aberto contra o inimigo, no ataque final, não haja hipótese de salvação para os trãnsfugas.⁵³ E, em pleno combate, o comandante do batalhão da frente exorta os soldados, quando já começavam a ceder, «a que lutassem pela vitória que já quase tinham alcançado; que para os vencidos não havia escapatória possível: a cidade estava desarmada; retirados os batentes das portas; todas as fortificações estavam abertas não menos ao inimigo do que a eles próprios; que ali estavam todos os socorros que eles podiam esperar da parte dos seus; que com estas tropas tinham de vencer ou morrer».⁵⁴

Exemplos destes, em que a disciplina militar vai ao extremo de os capitães matarem os próprios soldados como se fossem inimigos, quando fogem ou se recusam ao combate, encontramos em Valério Máximo, no capítulo que trata precisamente «De disciplina militari».⁵⁵ Os dois capitães turcos, que matavam à saída do baluarte da fortaleza os soldados que pretendiam abandonar o combate, encontram um *locus similis* na atitude de Quinto Metelo que «ordenou que, se algum dos seus soldados tentasse pela fuga recolher-se ao acampamento, fosse morto como se de um inimigo se tratasse».⁵⁶ E, na lição moral extraída deste exemplo, está toda a decisão de D. João de Castro em mandar retirar as portas da fortaleza de Diu, e todo o conteúdo da exortação de D. João de Mascarenhas aos soldados, pois que, conclui Valério Máximo: «com este rigor os soldados foram postos na ordem, e embora fisicamente esgotados, psiquicamente atormentados pelo desespero de perder a vida, todavia... derrotaram um inimigo numeroso. Daí se conclui que a imposição é o mais eficaz arrimo da fraqueza humana.»⁵⁷

rum, eo modo, ut saepius nostri ab hostibus ad extremum areae repellerentur, contra hostes a nostris reiicerentur ad turrim usque, per quam ingresserant, quam ne transirent, duo hostium duces, a calce ad uerticem usque armati ad eius radices uersabantur. A quibus omnes sui milites e turri desilientes aut aggredi eam recusantes spathis, quas utraque manu gerebant, trucidabantur.»

⁵³ 2CD, p. 370-371: «Ac postero die, ipso iubente, ex omnibus arcis portis ademptae, ac procul semotae, non nostri in fuga ullam spem reponerent.»

⁵⁴ 2CD, p. 373: «urgerent victoriam, quam iam propemodum adepti essent; non superesse victis ulla suffugia; exarmatam esse aciem; ablatis valuis; quidquid munitionis fuit, non iam minus hosti, quam ipsis patere; adesse omnia auxilia, quae a suis sperari possent; aut his copiis esse vincendum, aut pereundum.»

⁵⁵ Val. Max. II, 7.

⁵⁶ Val. Max. II, 7,10: «...edixit etiam ut, si quis ex his fugiens castra petisset, pro hoste interficeretur.»

⁵⁷ Val. Max. II, 7,10: «...qua seueritate compressi milites et corporibus fatigatis et animis desperatione uitae implicatis... multitudinemque hostium superarunt. humanae igitur inbecillitatis efficacissimum duramentum est necessitas.»

Frontino

A conclusão a tirar é que são múltiplos os aspectos sob os quais se manifesta em Damião de Góis a marca da leitura de autores clássicos, aparentemente insuspeitados. Fazendo, porém, uma pesquisa lexicológica descobre-se, por exemplo, que certas palavras por ele utilizadas foram tomadas de determinado autor e só desse. Pertence a esta classe «Strategemata», um vocábulo que Damião de Góis vai buscar a Frontino. Além disso, há todo o conjunto de situações de combate que remetem para exemplos que não só se encontram em Frontino, como até fazem parte da temática individualizada em capítulos dos *Strategemata*. Quando D. João de Castro chegou junto da cidade de Diu sitiada pelos Turcos, «iludiu o inimigo com o seguinte stratagemata. A fim de lhes dar uma impressão falsa do seu número, mandou que os marinheiros, os remadores, os pedreiros, criados e vivandeiras irrompessem na praia com os navios pela terceira vigília da noite, e que cada um levasse nas mãos duas lanças ao alto. Aos remadores ordenou que na mão direita levassem um remo e que na esquerda segurassem archotes acesos e que com o estrondo dos tambores e o soar imenso das trombetas e com a maior gritaria que pudessem, simulassem arremeter em marcha lenta, ao som dado da fortaleza, aquela parte por onde os inimigos pensavam que ele iria desembarcar».⁵⁸

Este quadro tão movimentado e vivo é, nem mais nem menos, uma reprodução de quadro idêntico que se encontra em Frontino para exemplificar uma simulação imaginada por Mário para obter efeitos semelhantes àqueles que são pretendidos por D. João de Castro. Eis o texto de Frontino:

«Estando Mário nos arredores de Aix-en-Provence e tendo intenção de atacar no dia seguinte os Teutões, mandou Marcelo com uma reduzida força de cavaleiros e peões durante a noite, para a retaguarda dos inimigos; e, para completar a aparência de grande número, ordenou que os almocreves e as vivandeiras, armados, fossem também, e ainda uma grande parte de jumentos ajazados com mantas para dar a aparência de uma força de cavalaria.»⁵⁹

⁵⁸ 2CD, p. 370: «...istiusmodi strategemate hostes ludificatus est. Nam ut falso numero eos deciperet, nautas, latomos, calones, lixasque de tertia vigilia navibus litus impetere, singulosque binas erectas hastas in manibus gestare iubet: remigibus vero imperat, ut dextra remos agant, sinistra bombardicos funes igne incensos teneant, ac ut vehementi tympanorum sonitu, strepituque tubarum immenso, et quanto possent edito clamore, illam partem, qua hostes opinabantur illum descensurum, simulato, lentoque cursu (quum signum ex arce daretur) impetere se fingerent.»

⁵⁹ Frontino, *Strat.*, II, 4,6: «Marius circa Aquas Sextias, cum in animo haberet postero die depugnare aduersus Teutonos, Marcellum cum parua manu equitum peditumque nocte post

Salta à vista que, apesar de alguma diversidade de situação, num e noutra caso se lança mão do princípio estratégico da simulação. Tal como descreve Frontino, também Damião de Góis põe em marcha durante a noite (em Damião de Góis, «*tertia vigilia*»; em Frontino, «*nocte*») uma turbamulta de elementos combatentes. Em Frontino essa turbamulta era constituída por todos aqueles que acompanhavam as legiões, transportando mochilas e mantimentos ou vendendo comidas aos soldados; em Damião de Góis não há almocreves com os seus jumentos, mas há marinheiros com os seus remos; e, em comum aos dois autores há, chamando à colação outros passos de Frontino, os criados e as vivandeiras (*servos lixasque, lixas calonesque* em Frontino,⁶⁰ *calones lixasque* em Damião de Góis).⁶¹

Aqui impõe-se-nos uma pequena observação. O estratagema da simulação é frequentemente utilizado pelos comandantes portugueses e até pelos turcos. Para me não alongar muito, evoco aqui apenas mais dois casos semelhantes ao anterior nas suas intenções e nos seus efeitos. Trata-se, no primeiro, da chegada a Diu de uma pequena frota que se antecipa a uma força mais poderosa enviada pelo Vice-Rei D. Nuno da Cunha em socorro dos sitiados que se achavam em situação desesperada. Adiantam-se apenas dezasseis naus, um número manifestamente insuficiente para enfrentar o poderoso exército dos sitiados. Os capitães portugueses decidem então acender em cada uma das dezasseis naus quatro fochos bem luminosos o que, na escuridão da noite, tinha um efeito multiplicador, fazendo com que o número dos navios parecesse quatro vezes maior. Solimão Bassa, o comandante do exército turco, aturdido com a chegada deste socorro inesperado, bateu em retirada desordenadamente.

O outro caso, verdadeiramente dramático, ocorre no fim de um dia em que os Portugueses perderam em combate setenta soldados, entre os quais doze nobres, com um número de feridos e queimados superior a trezentos. Ilesos tinham escapado uma dúzia deles. Que fez António da Silveira, comandante da praça de Diu? Mandou servir uma refeição e, depois de curados os feridos e enterrados os mortos, envergou as suas mais ricas vestes e ordenou que todos fizessem o mesmo. «Em seguida (segundo escreve Damião de Góis), começou-se a cantar e a bailar, uns após outros, e durante toda a noite levantaram grande alarido de vozes e trombetas. E assim procediam para que os inimigos pensassem que eles estavam ainda com o mesmo espírito e coragem que no princípio do combate.»⁶²

terga hostium misit et ad implendam multitudinis speciem agasones lixasque armatos simul ire iussit iumentorumque magnam partem instratorum centunculis, ut per hoc facies equitatus obiceretur [...].

⁶⁰ II, 4, 8.

⁶¹ «Calones lixasque» aparece em Tito Lívio XXIII, 16,8, mas o contexto é diferente.

⁶² ICD, p. [31]: «Quo facto, canere atque saltare inceptum, caeterisque insequentibus, mag-

Formas de leitura e de composição

Tudo isto ressuma dos textos clássicos, ainda que em pormenor não se possa indicar um passo em concreto, como no caso anterior, mas um conjunto de estratagemas militares que se encontram um pouco por toda a parte, em César, Salústio, Tito Lívio, Tácito, Frontino, sem deixar de repercutir, em eco distante, ambientes ou frases de Homero e Vergílio.

Estas observações convidam-nos a passar, posto que ao de leve, por alguns motivos goisianos que se encontram, em número significativo, nos escritores romanos. Entendemo-los como elementos de prova e procedemos à sua identificação na medida em que nos dão um testemunho inequívoco de extensas leituras de obras dos clássicos, em edições completas e profundamente assimiladas, a ponto de as suas formas conceptuais, os motivos literários e o vocabulário, em palavras isoladas e em junturas de autor, brotarem natural e limpidamente sem daí resultar nenhuma forma de centão.

Para os trabalhos de análise a que procedemos seria muito mais fácil identificar estereótipos reconhecidos e documentados em citações, ainda que disfarçadas, do que lidar com uma rede de planos e sobreposições textuais, por vezes dispersas e impossíveis de provar sem uma procura minuciosa de similitudes e alusões entre o texto lido e o texto produzido.

Mas passemos à análise concreta de situações. Seja a primeira aquela em que Damião de Góis relata os ataques à fortaleza durante o mês de Outubro. O resultado foi que uma das torres da muralha desabou. Assim são descritos os factos:

«Pridie uero Nonas Octobris acrius solito Turcae arcem oppugnauere, terra marique **operibus et machinis** undique inuadentes, quae pugna usque ad trigesimum eius mensis diem semper magis magisque recrudit, **nihilque laxamenti datum obsessis**, sed noctes et dies continuata oppugnatio est, nec ulla transiit dies, qua non hostes in arcem exonerauerint trecenties, uel quadringenties sua **bellica tormenta**. Ad haec singulis diebus nostros **extra arcem** ad pugnam prouocabant, nostri quamquam numero multo inferiores erant, uirtute tamen eos superare nitebantur, rursus ac rursus per arcis anfractus, ad vallum, et ad eorum turres usque exilientes, **cuniculis eos oppugnabant**, plurimos interficientes. Interea temporis ex assidua **tortorum iaculatione**, omnes **arcis pinnae** turriumque collabuntur, ita ut nostris superne locus non esset, unde tuto in hostes iacerent lapides, pila, aliaque tela. Postea uero una ex arce turris ad insum usque concidit qua parte

num clangorem, et uocum, et tubarum per totam noctem excitant. Id quidem agebant, ut hostes crederent ipsos eo animo atque uirtute adhuc esse, qua in principio dimicationis fuerant».

cum multae munitiones obstarent, hostes omni adhibita diligentia, arcem ingredi omnibus uiribus satagebant. Nostri autem regnantes trabibus, tignis, uallisque uallum pro defensione diruti loci erigunt, propugnaculaque super moenia instruunt, quibus rebus nostri utcumque tuebantur. Hostes enim omnem opem contra moliri, munitiones nostros subruentes, uiribus redintegratis, conabantur, globos, sagittasque igneas in uallum demittere, ipsi etiam saepius ad uallum, nostris acriter obsistentibus, perrumpentes. **Quae oppugnatio singulis diebus bis agebatur, mane et uesperis.**⁶³

Este texto não encontra um lugar paralelo que lhe corresponda exactamente. Encontra, sim, uma série de situações parcialmente idênticas, das quais deriva o vocabulário de Damião de Góis. Na verdade, este é um caso exemplar de densidade máxima de expressões livianas.

- «Operibus et machinis» – ocorre exactamente em Tito Lívio pelo menos três vezes.⁶⁴ Trata-se de uma expressão típica da linguagem militar usada para designar as obras de ataque às fortalezas e às muralhas e a maquinaria de guerra. Tantas foram as vezes que Damião de Góis a leu em Tito Lívio que acabou por fixá-la.
- «Nihil laxamenti datum obsessis» — remete, como atrás foi assinalado e comentado, para uma expressão quase igual do capítulo XXXV de *Ab Vrbe condita*: «Nihil laxamenti hostibus dedit».⁶⁵

⁶³ *ICD*, p. [14-16]: «A 6 de Outubro os Turcos atacaram a fortaleza mais rijamente do que era costume, avançando de todos os lados, por terra e mar, com fortificações e máquinas de guerra. Este combate recrudesciu mais e mais até ao dia 30 do mesmo mês, sem que aos sitiados fosse dado nenhum repouso. Dia e noite continuou-se o ataque, e nem um só dia passou em que os inimigos não descarregassem os seus canhões sobre a fortaleza centenas de vezes. Além disso, todos os dias desafiavam os nossos para o combate fora da fortaleza. Os nossos, embora muito inferiores em número, esforçavam-se por superá-los em valor. Uma e outra vez, saindo pelos recantos da fortaleza até às trincheiras e bastiões dos inimigos, atacavam-nos por meio de minas, matando muitos deles. Entretanto, em resultado dos contínuos disparos dos canhões, desabaram todas as ameias da fortaleza e dos torreões, de tal forma que os nossos não dispunham de uma posição elevada de onde pudessem, em segurança, lançar pedras, dardos e outros projecteis contra os inimigos. Depois disso, desmoronou-se completamente um dos torreões da fortaleza. Como por este lado nenhuma defesa se lhes opunha, os inimigos, usando de toda a agilidade, procuravam com todas as suas forças penetrar na fortaleza. Os nossos, por seu turno, resistindo, com traves, barrotes e estacas constroem uma paliçada para defender o sítio do desmoronamento; sobre as muralhas assentaram bastiões, defendendo-se o melhor que podiam nestas circunstâncias. Efectivamente, os inimigos, por seu lado, renovando as forças, empenhavam-se com todo o seu esforço em derrubar as nossas defesas, e em atirar bolas e setas de fogo contra a nossa paliçada, chegando até a irromper contra ela, apesar da resistência feroz que os nossos lhes opunham. Este ataque repetia-se todos os dias, de manhã e à tarde.»

⁶⁴ XXXVII, 28, 17; XXXVI, 10, 7; XLIV, 9, 3.

⁶⁵ XXXV, 21, 10.

- «Bellica tormenta» – ocorre precisamente em Tito Lívio, no contexto da Segunda Guerra Púnica.⁶⁶
- «Tormentorum iaculatione» – é uma expressão de cunho goisiano com fundamento em «tormentorum ictibus», utilizado por Tito Lívio.⁶⁷
- «Extra arcem» – é também um ápax que ocorre em Tito Lívio.⁶⁸
- «Arcis pinnae» – (= ameias da fortaleza) tem correspondência em «muri pinnae». Mas, prova significativa do tipo de leitura e utilização que Damião de Góis faz de Tito Lívio, a frase: «omnes arcis pinnae... collabuntur»,⁶⁹ reproduzindo o mesmo sentido da de Tito Lívio: «muri pinnae aliquot locis decussae erant»,⁷⁰ é visivelmente diferente na forma linguística que assume. Esta independência formal deve-se em parte a diferentes pontos de vista do narrador. Assim sucede, por exemplo, num caso em que os dois autores referem que durante o cerco se combatia duas vezes por dia. Damião de Góis coloca-se sob o ponto de vista dos sitiados e escreve: «Quae expugnatio singulis diebus bis agebatur».⁷¹ Em tradução livre: «Todos os dias eram lançados dois ataques à fortaleza». Por seu turno Tito Lívio, que adopta o ponto de vista dos sitiados, escreve: «ex arcibus duabus proeliis cotidie leuibus certabatur».⁷² Em tradução também livre: «Das fortalezas, que eram duas, vinham ataques ligeiros todos os dias». Note-se mais uma vez que se trata de uma ocorrência do contexto da Segunda Guerra Púnica. Damião de Góis regista, pois, um pormenor idêntico variando o vocabulário: *singulis diebus* para *cotidie*, *agebatur* para *certabatur*, *oppugnatio* (ataque à fortaleza) para *ex arcibus* (o ataque vindo das duas fortalezas).
- Está bem documentado nos textos antigos e de épocas mais recentes que um dos meios de atacar as fortalezas durante o assédio eram os trabalhos de sapa levados a efeito por meio de minas, a que os sitiados reagiam com a abertura de contraminas. Temos exemplos abundantes destas situações em César,⁷³ em Floro,⁷⁴ em Frontino⁷⁵ e uma dezena de ocor-

⁶⁶ «Archimedes...machinator bellicorum tormentorum. (*Ab VC*, XXIV 34, 2) e em Varrão: «sic supra e pilis ministrat ad usum manticum et ad bellica tormenta». (*Res Rusticae* II, 11, 11), mas a fonte foi sem dúvida Tito Lívio.

⁶⁷ *Ab V.C.*, XXIV, 34,10 e LIII, 162. Damião de Góis, no *2CD* prefere a expressão liviana «ictibus tormentorum» (p. 333).

⁶⁸ *Ab V.C.*, XXIX, 6, 13.

⁶⁹ *ICD*, p. [15].

⁷⁰ *Ab V.C.*, XL, 45,3.

⁷¹ *ICD*, pp. [15]-[16].

⁷² *Ab V.C.*, XXIX, 6, 15.

⁷³ *De B.G.*, VII, 24,2.

⁷⁴ I,6.

rências em Tito Lívio, das quais seleccionei a seguinte: «hoc maior difficultas Macedonibus erat, quod Romani aggere et uineis et omnibus supra terram operibus, subter Macedones cuniculis oppugnabant, et in asperis locis silex paene impenetrabilis ferro occurrebat».⁷⁶ Resumo o conteúdo: Enquanto os Romanos se serviam à superfície de trincheiras, vintas e outros meios de ataque, os Macedónios atacavam debaixo da terra, abrindo galerias subterrâneas e muitas vezes esbarravam com rochas impenetráveis. Daí as suas maiores dificuldades. O importante deste passo é que ele se reflecte em vários lugares dos dois cercos de Diu, que me abstenho de pormenorizar.

De toda esta análise de malha fina deduzem-se algumas verificações de carácter geral e de certo alcance quanto à forma de composição seguida por Damião de Góis, a qual reflecte, por sua vez, uma forma de leitura dos clássicos. A grande densidade de vocabulário de Tito Lívio no *Primeiro Cerco de Diu* permite afirmar com alguma segurança que Damião de Góis preparou a redacção dessa obra lendo e estudando cuidadosamente o *Ab Vrbe condita*.

O relato do primeiro cerco de Diu, editado em Lovaina em 1539 com o título de «Comentarii rerum gestarum in India citra Gangem» começou a ser preparado em Pádua e provavelmente a ser aí redigido. Assim o documentam as palavras do próprio Damião de Góis, dirigindo-se ao Cardeal Pietro Bembo: «Dum agerem Patauii, ubi me tua humanitate mire me totum deuinxisti inter caetera, que ex Lusitania ad me perferebantur, accepi de bello Cambaico nonnulla, quae (ut petisti) ex Lusitanica lingua in Italicum sermonem conuertii».⁷⁷ A partida da armada turca do canal de Suez em direcção à Índia é de fins de Junho de 1538: «Solut itaque haec ingens, et ad omnem naumachiam ornata classis Suezio, uersus Indiam sub finem Iunii anni millesimi quingentesimi octauis».⁷⁸ A quinze de Julho a armada aporta num lugar não distante de Adem, cidade que é atacada e arrasada. Era claro para os capitães portugueses da Índia, que dispunham de uma rede de espionagem eficiente, que esta colossal armada era dirigida contra as posições que ocupavam na costa do Malabar. É inteiramente verosímil que as primeiras notícias alarmantes tenham chegado a Portugal, sendo de imediato remetidas a Damião de Góis, que mais que uma vez se prestou a ser, por essa Europa fora, agente da propaganda dos altos objectivos da política que os reis de Portugal desenvolviam nas suas descobertas e conquistas, em prol da fé e da defesa dos interesses estratégicos da *respublica christiana*.

⁷⁵ *Strat.* III, 7, 2 e III, 8.

⁷⁶ *Ab V.C.*, XXXVI, 25, 4.

⁷⁷ *ICD*, p. [2].

⁷⁸ *ICD*, p. [4].

Entre as informações escritas que lhe chegam, contam-se, segundo as suas palavras, «de bello Cambaico nonnulla», ou seja, algumas notícias por escrito, acerca da Guerra Cambaica, por outras palavras chamada «Diensis urbis oppugatio», no título da edição dos opúsculos de 1544. Estas notícias foram vertidas em italiano por Damião de Góis para Pietro Bembo, historiador da República de Veneza, proclamado cardeal em Abril de 1539. Na carta nuncupatória dos *Commentarii* do primeiro cerco de Diu, Góis não deixa de associar esses fragmentos sobre a história da gesta portuguesa no Oriente ao labor historiográfico de Bembo, recordando-lhe as alianças entre os Venezianos e os Portugueses. Damião de Góis não se esquecerá de consignar na crónica de D. Manuel, em pormenor, a aliança a que se refere, nem perderá a oportunidade de mencionar nos *Comentários* a acção benfazeja de um certo marinheiro veneziano, «pietate ueri Christiani affectus»⁷⁹ que, em segredo, veio avisar os Portugueses, já desesperados, dos planos do comandante da armada turca. Caso estranho é este «Venetus nauta» que surge no drama do Cerco como um *deus ex machina*. Ser real ou personagem literária, a sua função no corpo dos *Commentarii* do primeiro cerco é sem dúvida a de um cumprimento e de uma vénia ao historiador da República de Veneza. Com alguma legitimidade, pois, se poderá deduzir que ao interesse de Pietro Bembo pela história do império português correspondia Damião de Góis com veladas intenções de publicitá-la.

Não sabemos qual a envergadura dos relatos chegados a Pádua, nem que fase da guerra cobriria. O que sabemos é que a armada turca aportou a Diu em 4 de Setembro de 1538. Ora, atendendo a que a edição dos *Commentarii* do primeiro cerco é de Setembro de 1539 e que a obra está concluída em 5 de Setembro,⁸⁰ segue-se que Damião de Góis dispôs de cerca de um ano para recolher os materiais e preparar a composição da obra. Não havendo razão para admitir que Damião de Góis foi insensível aos incitamentos de Pietro Bembo para que escrevesse sobre a Guerra Cambaica, teremos de concluir que os preparativos para esta obra se iniciaram ainda em Pádua com a tradução das primeiras notícias e, provavelmente, com a leitura de Tito Lívio, densamente representado no vocabulário, nas estruturas narrativas, em actantes essenciais – o ódio pessoal e religioso – na pose das personagens, na linguagem militar, etc.

Um indício de que esse trabalho preparatório do material linguístico vem de longe e nunca o abandonou encontra-se nas conclusões que Amadeu Torres tirou quanto à presença de Tito Lívio nas cartas.⁸¹ Com efeito, no quadro comparativo apresentado, Tito Lívio é, depois de Cícero – fonte principal –, o primeiro autor representado como fonte secundária de Damião de Góis. Mas não deixa de ser também sintomático que, nas cartas que pertencem aos períodos que imediatamen-

⁷⁹ *ICD*, p. [32].

⁸⁰ Cf. Amadeu Torres, *Noese* I, p. 318.

⁸¹ *Noese* II, p. 184-186.

te antecedem e acompanham a redacção dos *Comentários* do primeiro cerco, se encontrem representados, além de Tito Lívio, César (em terceiro lugar), Tácito, Salústio, Cornélio Nepos e Suetónio. Poderíamos acrescentar às conclusões de Amadeu Torres que nestas fases Damião de Góis compulsou, demoradamente, Valério Máximo, Suetónio, Cornélio Nepos, *História Augusta*, etc.

Por mais que se disponha de textos informatizados dos autores clássicos, é sempre tarefa árdua identificar com certeza absoluta fontes quando o texto produzido evidencia linguagem comum a dois autores, e sobretudo quando a convergência está nas ideias e nos processos literários, mais do que nas formas linguísticas. Há no entanto ocorrências que não deixam lugar para dúvida de que são usadas sob influência da leitura de um ou vários autores simultaneamente, o que não deixa de contribuir para o esboço de um quadro perfeitamente identificável.

Conclusão

Em face desta verificação e dado que tantas vezes os comandantes agem segundo as técnicas da estratégia romana, há que concluir que não era apenas Damião de Góis quem lia os clássicos, mas também os nobres portugueses, capitães e heróis de tantos feitos prodigiosos mas verdadeiros. E se atrás verificámos que Damião de Góis se queixava de as letras não igualarem as armas, agora, pela sua escrita e pela caracterização das personagens que põe em acção, somos levados a afirmar que os homens de armas tinham um conhecimento invejável dos autores clássicos, cujos heróis e estratégias imitavam. Não podemos, no entanto, ignorar que Damião de Góis segue as leis do género definidas por Cícero e que há nele uma parte de idealização literária, proveniente das suas múltiplas leituras.

Matizando ainda mais esta conclusão, convém não perder de vista, como ficou demonstrado, que Damião de Góis propositadamente não recorre a um processo de imitação directa, comportando-se como agente passivo de uma reminiscência involuntária, suscitada pela similitude entre as situações conhecidas pela leitura dos clássicos e aquelas cujo relato encontrava nos documentos que utilizou. Este procedimento, por um lado, garante a fidelidade ao testemunho documental e, por outro lado, assegura que a forma de composição literária brote cristalina de um fundo literário profundamente sedimentado, que não se confina aos estreitos limites impostos pelo ciceronianismo. A apreciação crítica e estética de Damião de Góis como latinista só terá a ganhar se se tiver em conta a sua abertura de espírito, o seu universalismo, a amplidão da sua curiosidade e das suas leituras, que fazem dele um conhecedor exímio do vocabulário e dos recursos da língua latina.